

# **A mandinga e a cultura malandra dos capoeiras (Salvador, 1910-1925)**

---

**Adriana Albert Dias**

Mestre em História  
Universidade Federal da Bahia

---

**Resumo:**

Este artigo busca demonstrar, por meio de um estudo histórico sobre a capoeiragem em Salvador entre os anos 1910 e 1920, que a mandinga das rodas de capoeira – a malícia, a ginga e a esperteza – se entrelaça com a cultura malandra dos capoeiras de outrora, isto é, seus hábitos, costumes e crenças cotidianos. Mostraremos também que tais práticas sociais malandras, que no passado podiam ferir e matar, hoje estão representadas de forma simbólica nas rodas contemporâneas.

---

**Palavras-chave:**

Salvador (BA) • capoeira • cultura

**A** mandinga é consagrada como uma característica essencial da capoeira. Em Salvador, desde o final do século XIX, a palavra “mandinga” era usada como sinônimo de capoeira. Considerada uma das principais armas de defesa e ataque dos seus praticantes, ela pode ser observada no jeito de corpo do jogador, nas suas expressões faciais, nos golpes aplicados, e pode ser celebrada ou invocada em muitas músicas cantadas nas rodas.<sup>1</sup> Atualmente, o bom capoeira é o indivíduo mandingueiro que sabe disfarçar, enganar o adversário, que ganha o jogo pela esperteza, pela “arte da falsidade”, do fingimento.

Nesse sentido, mandinga aparece como um tipo de jogo cujo objetivo principal é ludibriar o contendor por meio da astúcia. Porém, no mundo da capoeiragem, o termo “mandinga” também se refere aos poderes mágicos atribuídos a alguns capoeiras, que em geral trazem pendurados no pescoço patuás ou talismãs, chamados, no período colonial, de “bolsas de mandinga” ou simplesmente “mandinga” - que em certos contextos significava feitiçaria. Dessa maneira, o corpo do jogador estava protegido de todos os perigos e se tornava invencível em qualquer roda de capoeira. Ora, originalmente, a palavra “mandinga”, ou melhor, “mandingo”, como aqui ficaram conhecidos os malinquês, designava um povo africano islamizado oriundo da África Ocidental.<sup>2</sup> Segundo Bastide, os malinquês eram famosos por serem grandes feiticeiros e mágicos.<sup>3</sup> Não foi à toa que o termo “mandinga” acabou se popularizando como sinônimo de feitiço.

No tempo da escravidão, mandinga ou feitiço eram as práticas mágicas dos africanos e seus descendentes, em especial os preparos de ervas e venenos usados pelos negros para matar seus senhores.<sup>4</sup> Dentro desse

1 Podemos citar exemplos: quando o capoeira usa da malemolência do seu corpo para enganar que vai fazer o golpe de um lado, mas ataca do outro sem que o adversário esteja esperando; o jogador também pode usar seu jogo de cintura para desviar de um ataque, fingir que está enfurecido apenas para amedrontar o outro capoeirista e deixá-lo inseguro numa luta; o jogador também pode simular que está olhando numa direção e depois atacar o outro lutador com um golpe imprevisto. Outras situações em que a mandinga se torna uma arma serão vistas ao longo deste artigo.

2 João José Reis, *Rebelião Escrava no Brasil: a história do levante dos males em 1835*, São Paulo, Cia das Letras, 2003, p. 159.

3 Roger Bastide, *Les Amériques noires, (les civilisations africaines dans le nouveau monde)*, Paris, L'Harmattan, 1996, p. 112. A edição original é de 1973. O autor usa o termo mandinga para se referir aos candomblés muçulmanos da Bahia. Acrescenta ainda que esta palavra aparece em muitos outros países da América Latina, como Uruguai e Argentina, por exemplo, com o significado de bruxaria.

4 Sobre este assunto, ver Laura de Melo e Souza, *O diabo e a terra de Santa Cruz: religiosidade popular no Brasil colonial*, São Paulo, Cia das Letras, 1986, pp. 204-226.

contexto, como afirma Zonzon, estudiosa da capoeira angola, a mandinga “revela-se como arma do mais fraco contra o mais forte”.<sup>5</sup> Nas palavras de Mestre Pastinha, a capoeira guarda essa herança; é “mandinga de escravo com ânsia de libertação”.<sup>6</sup> Na capoeira, além de ser um jogo de malícia, de trucagem, considerada uma das armas mais perigosas do capoeirista, a mandinga é também a magia do capoeirista que tem o corpo fechado, que faz reza forte e traz a proteção dos orixás. Fora isso, a mandinga ainda tem uma função estética: ela embeleza o jogo da capoeira, aparece como uma representação teatral. É a malemolência do corpo do jogador que, ao som do berimbau, traz leveza à luta, o sorriso traiçoeiro, o golpe não previsto, a brincadeira de capoeira. O jogador que sabe controlar seus movimentos, que ataca de surpresa, brinca com a falsidade. O capoeira mandingueiro só quer vadiar.

No âmbito da capoeira na contemporaneidade, “mandinga” também se confunde com o termo “malandragem”, neste caso mais relacionado ao disfarce, à sagacidade, à trucagem que faz com que o jogador vença a luta não pela força física, mas pela arte do fingimento, do jogo da enganação. Contudo, no senso comum, a palavra “malandragem” está ligada ao mundo da desordem, à vagabundagem, ao ilícito, e acabou sendo associada a um jeito de ser tipicamente brasileiro. Mas, afinal, por que na capoeira de hoje esses termos se entrelaçam? Haveria um trânsito entre o universo malandro das ruas e a mandinga das rodas? Ou será que a mandinga se limita ao universo simbólico das rodas atuais de capoeira? Não seria ela também encontrada nas práticas sociais malandras dos antigos capoeiras de rua?

Os capoeiristas de hoje associam a roda da capoeira ao mundo; é dentro da roda que o capoeira mostra a sua mandinga. Nosso objetivo neste artigo é entender como os capoeiras de outrora “soltavam a sua mandinga” na roda da vida. Em outras palavras, quer-se demonstrar, mediante um estudo sobre a capoeiragem em Salvador, entre as décadas de 1910 e 1920, que a mandinga das rodas de capoeira – a malícia, a ginga, a esperteza, o corpo fechado – se entrelaçava com a cultura malandra dos capoeiras de outrora, isto é, com os seus hábitos, costumes e crenças cotidianos. São,

5 Christine N. Zonzon, “Capoeira angola: construção de identidades – uma investigação sobre as identidades construídas por grupos de capoeira angola em Salvador” (monografia de especialização, Universidade Stendhal, Grenoble, França, 2001), p. 61.

6 Depoimento de Pastinha apud Antônio Muricy, “Pastinha! Uma vida pela capoeira – 1889-1981”, [s.l.], Blimp Filmes, TV Globo, 1998, 16mm, cor, 52 min.

portanto, esses dois universos culturais – a roda de capoeira e a roda da vida – que serão confrontados, e a relação entre eles será analisada de forma mais detida. Mostraremos também que tais práticas sociais malandras, que no passado podiam ferir e matar, hoje estão representadas de forma simbólica nas rodas de capoeira.<sup>7</sup>

É importante destacar que, nesse período, as elites locais desejavam transformar a cidade de Salvador em uma metrópole moderna e civilizada, e para isso acreditavam ser necessário erradicar das ruas os costumes do povo que lembravam a África.<sup>8</sup> Dentro desse contexto social tenso e conflituoso, busca-se compreender algumas das estratégias de sobrevivência dos nossos personagens, ou seja, como eles agiam para se manter vivos e em liberdade. Nesse sentido, este artigo é também uma investigação dirigida para compreender a malandragem dos capoeiras, aqui entendida como as diferentes formas encontradas por esses indivíduos para sobreviver no universo violento, miserável e discriminatório das ruas de Salvador no alvorecer do século XX.

Numa crônica intitulada “A origem da malandragem”, Orestes Barbosa – sambista carioca, jornalista autodidata, boêmio e poeta, nascido em 1893 –, ao se recordar do tempo em que soltava pipas com outros meninos que tinham na rua a sua casa, descreve de forma poética de onde surgem personagens como os capoeiras Besouro Mangangá, Pedro Porreta, Pedro Mineiro, e como se formam essas figuras para os noticiários sensacionais: “saem dos garotos de rua... – moleques vendedores de bala, soltadores de papagaio...” – e que “aprendem a rebeldia que a miséria faz”. E depois explica: “a malandragem, mesmo bem vestida, há de existir sempre. Ninguém cuida da educação das crianças (...). A polícia arrebanha-os para a Colônia e para a Casa de Detenção que são escolas de aperfeiçoamento...”.<sup>9</sup>

7 As observações feitas ao longo deste artigo sobre a capoeira na contemporaneidade se basearam tanto em minha experiência pessoal como capoeirista há mais de 14 anos quanto nos trabalhos citados a seguir. Letícia Vidor e Sônia Travassos, que fizeram uma análise antropológica, tendo como objeto diferentes grupos de capoeira atuais, também discutiram a mandinga como um componente fundamental no jogo propriamente dito. Ver Letícia Vidor, *O mundo de pernas para o ar: a capoeira no Brasil*, São Paulo, Publisher Brasil, 2000. Sônia Travassos, “Mandinga: notas etnográficas sobre a utilização de símbolos étnicos na capoeiragem”, *Estudos Afro-Asiáticos*, 35 (1999), pp. 67-79.

8 A expressão é de Alberto Heráclito Ferreira Filho. “Desafricanizar as ruas: elites letradas, mulheres pobres e cultura popular em Salvador – (1890-1937)”, *Afro-Ásia*, 21-22 (1998-1989). Ver também do mesmo autor: *Quem pariu e bateu, que balance! Mundos femininos, maternidade e pobreza*, Salvador, 1890-1940, Salvador, CEB, 2003, pp. 92-106.

9 Orestes Barbosa, *Bambambã*, Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1993, pp. 10 e 103-

Ou seja, na sua opinião, era especialmente no cotidiano das ruas, vivendo sem educação formal, sem cuidados, à margem da sociedade, levados como bandidos para a prisão, que os meninos se tornavam malandros.

Mas, poderia ser perguntado, o que essas opiniões têm a ver com o nosso assunto principal? Embora a figura do malandro esteja fortemente associada à do sambista carioca do final dos anos 1920, pretendemos mostrar, neste artigo, que a cultura malandra já fazia parte do tipo social dos capoeiras de outrora, do seu jeito de andar cheio de gingado, chapéu jogado de lado e navalha amarrada na passadeira da calça. É por isso que, a nosso ver, os cronistas e literatos baianos, ao caracterizarem o capoeira entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX, descreviam-no com muitos dos traços que depois contribuíram para a construção da imagem clássica do malandro. A malandragem estava presente nas práticas sociais do capoeira que estudamos, no seu jogo de perna para atacar e se defender, na sua esperteza e malícia dentro e fora da roda de capoeira. Era parte de uma cultura de rua, do modo de ser e das estratégias de sobrevivência de homens que viviam entre a ordem e a desordem, perseguidos pelos representantes da lei, quase sempre os enfrentando ou deles se esquivando. A malandragem também pode ser compreendida quase como uma atitude de defesa à brutalidade da vida, aprendida pelo capoeira desde seus tempos de menino de rua.<sup>10</sup> Além disso, ela pode ser vista como uma maneira encontrada por esses homens para provar sua masculinidade e afirmar sua individualidade no mundo das ruas.

O capoeira Madame Satã, que também foi moleque de rua e muito apanhou da polícia, relembrou em suas memórias o dia em que Edgar, à época menino de rua, chegou na Lapa a sua procura, querendo aprender capoeira. Satã, já malandro respeitado, depois de muita insistência, levou Edgar à Praça Onze, onde seus camaradas “eram muito entendidos em capoeira” – e deixou-o lá. Passados uns dias, vieram lhe dizer que tinha um menino das suas relações envolvido numa briga. Quando Satã viu, era o valente aprendiz de capoeira “encarando dois soldados na perna. Foi sua

105. A primeira edição foi publicada em 1923.

10 Assim como os personagens dos romances pícaros, *Lazarillo* ou *Buscón*, de Quevedo, analisados por Antônio Cândido em seu artigo “Dialética da malandragem”. Nesse texto, o autor mostra que esses personagens se tornaram malandros a partir das circunstâncias da vida difícil. Ver Antônio Cândido, *O discurso e a cidade*, São Paulo, Duas cidades, 1993, p. 22.

primeira detenção ainda menor de idade, e por causa da sua valentia, mesmo sendo um menino, conseguiu ser o xerife do seu cubículo”.<sup>11</sup>

Essa vida difícil levada pelos moleques de rua do Rio de Janeiro, que no entender de Orestes Barbosa estava na origem da malandragem e que no relato de Madame Satã aparece ligada ao aprendizado da capoeira, vinha de tempos remotos. De acordo com Soares, já desde meados do século XIX as maltas de capoeiras cariocas incorporavam meninos. Na maior parte das vezes, o aprendizado da criança era individual e acontecia no espaço urbano dominado pela malta do novato. Aprender a arte da luta era, na verdade, a primeira fase de um processo mais complexo de treinamento, que compunha uma espécie de ritual de passagem, cujo teste mais difícil era desafiar cara a cara o aparato policial. No Rio, há registros de vários adolescentes presos como verdadeiros capoeiras aos 15 anos.<sup>12</sup>

Tal como a Corte, a cidade de Salvador também estava repleta de moleques de rua fazendo algazarras. As fontes do início do século XIX frequentemente revelam a presença de meninos reunidos à noite em praças a batucar, brincar, jogar pedra nos transeuntes e medir força com outros garotos e certos homens do povo. No entanto, as fontes históricas baianas também atestam que, à medida que o século avançava, as autoridades se tornavam cada vez mais intolerantes à presença de tais menores nas ruas, pois suas diversões passaram a ser vistas como nocivas à moral pública, começando a ser duramente reprimidas.<sup>13</sup>

No período coberto por este artigo, era quase diária a publicação de noticiários sobre menores de rua. Eventualmente, eram descritas nos jornais cenas desses meninos sendo brutalmente espancados. A violência cometida contra essas crianças parecia vir de todos os lados e de diferentes grupos sociais.<sup>14</sup>

Em julho de 1909, o *Diário de Notícias* publicou uma nota a respeito de um capadócio de nome desconhecido, ex-aprendiz de marinheiro,

11 Sylvan Paezzo, *Memórias de Madame Satã, conforme narração a Sylvan Paezzo*, Rio de Janeiro, Lidador, 1972, pp. 87-88. Cubículo é outra forma de se referir à cela de cadeia.

12 Carlos E. L. Soares, *A negregada instituição: os capoeiras do Rio de Janeiro 1850-1890*, Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, 1994, pp. 88-95.

13 Walter Fraga, *Mendigos, moleques e vadios na Bahia do século XIX*, São Paulo, Hucitec, Salvador, Edufba, 1996.

14 *Diário de Notícias*, 11/05/1915, 26/07/1911, 19/08/1913 e 03/08/1915; *Jornal Moderno*, 10/03/1915.

que chefiava uma malta de menores. O grupo tinha por hábito encontrar-se na rua Ordem Terceira de São Francisco e na ladeira do Monturo, onde o capadócio passava-lhes seus ensinamentos. Ele provavelmente era um capoeira, porque o jornal também informou que ele tinha a habilidade de “elegantemente desarmar a polícia”.<sup>15</sup> A suspeita torna-se ainda mais sólida quando se percebe que a rua Ordem Terceira ficava muito próxima ao Cruzeiro de São Francisco, importante ponto de capoeiragem. Na realidade, muitos desses menores frequentavam as mesmas praças e ruas onde os capoeiras se encontravam, como o Terreiro de Jesus, o Largo da Piedade, as Portas do Carmo, a rua do Maciel, a rua do Bispo e a Baixa dos Sapateiros.<sup>16</sup> Tudo indica que, nesses encontros, os moleques de rua iniciavam-se na arte de capoeirar, mesmo que às vezes só por vadição.

De fato, muitos capoeiras, negros, de família pobre, e que desde tenra idade já trabalhavam, aprenderam capoeira ainda meninos, a maioria com pessoas que encontraram na rua. Mestre Pastinha, por exemplo, começou sua trajetória no universo da capoeiragem aos 10 anos, na rua das Laranjeiras, com um velho africano chamado Benedito. Dois outros mestres – Noronha e Bimba – deram seus primeiros passos de capoeira nas ruas de Salvador quando eram crianças. O primeiro com Cândido Pequeno, filho de um negro angola e uma africana no estado da Bahia, e o segundo com o africano Nozinho Bento, conhecido por Bentinho.<sup>17</sup>

Era, portanto, no universo das ruas que os capoeiras desenvolviam estratégias de vida e sobrevivência malandras. Ao mesmo tempo em que trabalhavam, faziam batuque, samba, bebiam; não respeitavam a autoridade policial, mas tentavam exercer um poder semelhante ao dos agentes da repressão – alguns foram de fato policiais; driblavam a ordem ora resistindo à prisão com violência, ora fugindo com esperteza. Transitando por essa zona de fronteiras tênues entre o certo e o

15 *Diário de Notícias*, 31/07/1909.

16 *Diário de Notícias*, 24/04/1911 e 24/10/1911 e *A Tarde*, 22/05/1922. Muitos desses lugares já eram pontos de encontro de maltas de menores desde o século XIX. Ver Fraga, *Mendigos, moleques e vadios*, p.113. Sobre principais pontos de capoeira em Salvador na República Velha, ver Adriana Albert Dias, *Mandinga, manha e malícia: uma história sobre os capoeiras na capital da Bahia (1910-1925)*, Salvador, Edufba, 2006, cap. I; e Antônio L. C. S. Pires, *A capoeira na Bahia de Todos os Santos: um estudo sobre cultura e classe trabalhadora (1890-1937)*, Palmas, NEAF, Goiânia, Grafset, 2004.

17 Antônio Muricy, “Pastinha! Uma vida pela capoeira”; Daniel Coutinho (Mestre Noronha), *O ABC da capoeira angola: os manuscritos de Mestre Noronha*, Brasília, DEFER/CIDOCA, 1993, pp. 28 e 58; Waldeloir Rego, *Capoeira angola: ensaio sócio-etnográfico*, Salvador, Itapoan, 1968, p. 268.

errado, o lícito e o ilícito, o permitido e o proibido, o capoeira se tornou um personagem ambíguo, com a manha de navegar por esses dois mundos aparentemente opostos e teoricamente cindidos.<sup>18</sup> Era de modo malandro que esses indivíduos concebiam e encaravam a lei, como transparece claramente na fala de Afonso Coelho, um dos personagens de Orestes Barbosa. Quando questionado pelo inspetor de segurança se não temia ficar um dia preso, sorriu e disse: “Qual, Exa. Os artigos do código penal são como bóias luminosas que existem nas baías: o bom navegador passa entre elas...”.<sup>19</sup> Ora, para isso os capoeiras necessitavam de muita coragem.

O primeiro atributo para um homem poder ser um bom capoeira era, por conseguinte, a valentia, ou seja, a coragem de encarar o perigo, especialmente se o adversário fosse um agente da ordem ou um inimigo tirado a valentão. A valentia era uma qualidade fundamental para todos aqueles que, desde meninos, viviam num ambiente social permeado pela violência, pois era também uma forma de afirmar a masculinidade e um meio de se destacar no mundo da desordem.<sup>20</sup> A capoeira era um trunfo a mais nas mãos de indivíduos.

Neste contexto em que a ordem arbitrariamente provocava a desordem, a valentia se destacava como um atributo social necessário do capoeira. Mas isso ainda é uma conclusão simples demais. O importante é perceber que essa não era uma valentia qualquer, mas era também – e, sobretudo – uma valentia malandra, como passaremos a demonstrar agora.

O capoeira Ignácio Loyola de Miranda foi valente ao enfrentar o policial Arestides de Santana, também capoeira, que tentava detê-lo por desacato à autoridade. Todavia, como Ignácio era conhecedor das manhas da capoeiragem, usou da arte da esperteza, e o policial se deu mal. Há tempos, Ignácio era conhecido pela polícia por provocar constantes distúrbios. Numa de “suas bratavas”, Ignácio “dirigiu uma pilhéria” ao policial Arestides de Santana no Cais do Carvão, que ameaçou prendê-lo. Contudo, “Loyola investiu contra ele e começou uma luta corporal”. A briga não parece ter sido

18 Para saber as ocupações dos capoeiras e aprofundar sobre sua relação com a polícia em Salvador na República Velha, ver Dias, *Mandinga, manha e malícia*, respectivamente os capítulos I e II. Sobre o assunto, ver também Pires, *A capoeira na Bahia de Todos os Santos* e Josivaldo Pires de Oliveira, *No tempo dos valentes: os capoeiras na Cidade da Bahia*, Salvador, Quarteto, 2005.

19 Barbosa, *Bambambã*, p. 40.

20 Nanci S. S. Assis, “Questões de vida e morte na Bahia republicana (1890-1930)” (dissertação de mestrado, Universidade Federal da Bahia, 1996), p. 141.

fácil, pois o policial, além de ser capoeira, estava armado com um sabre e imediatamente sacou sua arma. Ignácio, habilmente em passo de capoeira, tentava se desviar dos golpes desferidos.<sup>21</sup> Porém, depois de a princípio resistir à prisão, Ignácio resolveu ser mais esperto, deu-se por vencido e simulou entregar-se. Todavia, provavelmente quando o policial se distraiu, abrindo a guarda, o capoeira deu-lhe “uma formidável cabeçada na região epigástrica”, tão forte que Arestides foi arremessado ao chão, agonizante, e em poucos minutos morreu. Arestides não teve chance alguma de se defender e, mesmo sendo um capoeira, não percebeu a artimanha de Ignácio e foi assassinado. Após cometer o crime, o agressor tentou escapar, mas acabou sendo preso e conduzido para o posto policial do Pilar.<sup>22</sup>

Atitudes como essa, de enfrentar a polícia, não obedecer à ordem de prisão e desafiar a autoridade, eram comuns no meio da capoeiragem. Humilhar a polícia era motivo de orgulho para muitos capoeiras. Além do mais, os capoeiras sabiam bem que muitos policiais nem sempre andavam dentro da ordem, afinal frequentavam prostíbulos, agrediam a torto e a direito, gostavam de beber, ou seja, faziam parte do seu universo.<sup>23</sup> Paradoxalmente, alguns capoeiras trabalhavam de fato para a polícia, como o próprio Arestides de Santana, para poder se valer da autoridade policial e do uso da sua arma de forma legítima, mas essa é uma outra história.<sup>24</sup>

Dessa situação narrada, o que importa destacar neste artigo é que a violência esteve aliada à sagacidade do capoeira Ignácio Loyola, mas havia ocasiões em que o ideal era evitar totalmente a desavença para continuar vivo. Para Mestre Noronha, essa era a “malícia da sabedoria que corre para

21 Sabre é uma arma branca que corta de um lado só.

22 *A Tarde*, 18/12/1916 e *Diário de Notícias*, 19/12/1916.

23 Segundo Brown, em Salvador, desde o século XIX, os agentes policiais compartilhavam das mesmas características da população pobre – a cor negra, a pobreza de origem, os hábitos e os costumes populares. Muitos eram constantemente acusados de abuso de poder, ineficiência e envolvimento em todo tipo de desordem e divertimentos populares. Ver Alexandra K. Brown, “On the vanguard of Civilization: slavery, the police, and conflicts between public and private power in Salvador da Bahia, Brazil, 1835-1888” (tese de doutorado, Universidade do Texas, 1998), pp. 80-90, 238, 254-255.

24 Sobre a interseção entre o conjunto de homens vistos como desordeiros, tais como os capoeiras, e o corpo de polícia e a ambivalência dos nossos personagens que tinham ódio e fascínio pela figura do policial, ver Dias, *Mandinga, manha e malícia*, cap. II. Ver também o artigo de Dias, “Os ‘fiéis’ da navalha: Pedro Mineiro, capoeiras, marinheiros e policiais em Salvador na República Velha”, *Afro-Ásia*, 32 (2005), pp. 271-303.

não morrer...”.<sup>25</sup> Muniz Sodré, sociólogo e ex-aluno de capoeira de Mestre Bimba, qualifica essa atitude como a “malícia perigosa do não-agir”.<sup>26</sup>

Os capoeiras eram considerados indivíduos de tamanha esperteza que em torno deles giravam certos mitos. Alguns acreditavam que o capoeira podia se transformar em um pé de mato. Um outro mito é que certos capoeiras podiam se transformar num animal ou num objeto qualquer para se livrar da prisão ou de algum rival. O fio condutor desses mitos, que penetraram o imaginário popular, é que, em uma situação arriscada, os capoeiras tinham o poder mágico de perder a forma humana e escapar do perigo.

O apelido de Besouro Mangangá, por exemplo, segundo seu discípulo Cobrinha Verde, veio da lenda de que, “quando ele entrava em alguma embrulhada e o número de inimigos era grande demais, sendo impossível vencê-los, então ele se transformava em besouro e saía voando”.<sup>27</sup> Mestre Gigante, que aprendeu capoeira com Cobrinha Verde, contou também que seu mestre “era um cara que fazia desordem e quando a polícia vinha para prender ele, ele sumia, ele se transformava num porco, num cachorro”.<sup>28</sup>

Essa associação entre o capoeira e determinados animais pode ser compreendida não só por causa da esperteza, mas também em função da agilidade e da flexibilidade corporal inerentes à capoeiragem. Alguns mestres diziam que os golpes de capoeira se originaram do modo de se mover de certos bichos. Algumas cantigas de capoeira associavam o capoeira à cobra, um animal que ataca a sua vítima de modo inesperado e certo.<sup>29</sup> A cobra em geral é venenosa e pode matar, assim como um golpe de capoeira; além disso, a cobra é ligeira tanto no ataque quanto na fuga. Portanto, a analogia não acontece por acaso.

As práticas sociais malandras dos capoeiras também estavam intimamente relacionadas com seu jeito desconfiado e prevenido de ser. Por

25 Coutinho, *O ABC da capoeira angola*, pp. 27 e 47.

26 Muniz Sodré, *Mestre Bimba: corpo de mandinga*, Rio de Janeiro, Manati, 2002, p. 18.

27 Rego, *Capoeira angola*, p. 264.

28 *Entrevista concedida à autora por Francisco de Assis (Mestre Gigante)*, Salvador, 01/02/2002. Mestre Gigante nasceu na zona rural de Santo Amaro da Purificação em 1920 e residia, na época da entrevista, no Engenho Velho da Federação. Ver também Marcelino Santos, *Capoeira e mandingas: Cobrinha Verde*, Salvador, A Rasteira, 1991, p. 22.

29 Rego, *Capoeira angola*, pp. 94-95 e 121, esp. cantigas nº 35 e 122.

viverem num ambiente de violência, perseguição e pobreza, muitos capoeiras estavam sempre à espera de que algum mal fosse lhes acontecer. Mestre Pastinha discorre sobre o caráter desconfiado dos capoeiras com uma enorme riqueza de detalhes:

Capoeirista não gosta de abraço e aperto de mão. Melhor desconfiar sempre das delicadezas. Capoeirista não dobra uma esquina de peito aberto. Tem que tomar dois ou três passos à esquerda ou à direita para observar o inimigo. Não entra pela porta de uma casa onde tem corredor escuro. Ou tem com o que alumiar os esconderijos da sombra ou não entra. Se está na rua e vê que está sendo olhado, disfarça, se volta rasteiro e repara de novo no camarada. Bom, se tiver olhando ainda, é inimigo e o capoeirista se prepara para o que der e vier.<sup>30</sup>

Disfarçar a identidade era uma outra estratégia de sobrevivência malandra, e embora Querino afirmasse que “os capoeiras de profissão” eram facilmente reconhecidos pela “atitude singular do corpo” e pelo modo de “andar arrevezado”, Mestre Gigante explicou que eles sabiam capoeira, mas eles viviam escondidos, não diziam que eram capoeiristas por causa da polícia.<sup>31</sup> Esta era sua arma secreta.

Um outro aspecto bastante destacado pelos velhos mestres era que “capoeira de antigamente andava sempre armado”, especialmente por precaução. Mestre Pastinha narrou que seu instrumento de defesa predileto era “um pequeno cacete campeia de ticum ou linho”.<sup>32</sup> Os capoeiras de outrora também usavam faca, navalha, facão costela de vaca, revólver – o que era mais raro –, e até o berimbau poderia se transformar numa arma.<sup>33</sup>

De acordo com o depoimento de Mestre Gigante, os capoeiras utilizavam outras substâncias como arma, as quais eram mais usadas em briga de rua. Gigante disse que “na rua, negócio de briga de rua (...), não se confiasse muito neles não, que eles usavam... mastigar pimenta pra cuspir no

30 *Revista Realidade*, abr. 1967. Para outras evidências sobre o jeito desconfiado e prevenido de ser dos capoeiras, ver Manuel Querino, *Bahia de outrora*, Salvador, Progresso, 1955, pp. 73-74.

31 Coutinho, *O ABC da capoeira angola*, p. 56; Querino, *Bahia de outrora*, p. 75; *Entrevista concedida à autora por Francisco de Assis (Mestre Gigante)*, 01/02/2002.

32 Ângelo Augusto Decânio Filho, *A herança de Pastinha: manuscritos e desenhos*, 2. ed., Salvador, [s.n], 1997.

33 Sobre principais armas usadas pelos capoeiras em Salvador no período estudado ver Dias, *Mandinga, manha e malícia*, p. 191; e Pires, *A capoeira na Bahia de Todos os Santos*.

olho do adversário, jogar areia”.<sup>34</sup> Mas eis a questão: será que isso só acontecia em situação de conflito? Veremos que não.

O cronista Antônio Vianna escreveu que uma das principais características do capoeira era a lealdade. No entanto, nem todos os capoeiras do passado inspiravam tamanha confiança, como escreveu Édison Carneiro: “Brincá com capoeira? Ele é nego farso...”. E embora Pastinha afirmasse que, nas rodas realizadas nas festas populares, os capoeiras “estavam em brincadeira”, paradoxalmente também escreveu que “antigamente era doloroso uma roda de capoeiristas” por causa da violência. Essa é uma contradição presente nas narrativas de diferentes mestres antigos.<sup>35</sup>

Fica evidente que nem sempre as rodas eram espaços restritos à brincadeira, e que em certas ocasiões o conflito era inevitável. A lei do capoeira não era bem a lealdade, e certas vezes valia tudo nas rodas de rua. Como escreveu Mestre Noronha, “a lei do capoeirista é traiçoeira por isso, tem o nome de bamba, na roda da malandragem”.<sup>36</sup>

Mestre Gigante nos contou que os antigos capoeiras costumavam “andar sempre com uma maldade” – uma pimentinha malagueta ou um punhado de areia no bolso. Esses artifícios não eram apenas uma arma de defesa à repressão policial, mas eram usados contra seus próprios camaradas. Este conceito de “maldade”, utilizado por Gigante e que também aparece escrito ao lado de vários desenhos de movimentos de capoeira da autoria de Mestre Pastinha, parece se referir à forma perversa e malandra dos capoeiras agirem tanto numa brincadeira de capoeira como no seu dia a dia.<sup>37</sup>

Essas “maldades” parecem se misturar com o universo de crenças dos capoeiras. Num certo sentido, a vida de muitos desses homens estava

34 *Entrevista concedida à autora por Francisco de Assis (Mestre Gigante)*, 01/02/2002, e *Entrevista concedida à autora por Francisco de Assis (Mestre Gigante)*, Salvador, 14/05/2002.

35 Antônio Vianna, *Casos e coisas da Bahia*, Salvador, Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1984, p.135; Édison Carneiro, *Religiões negras: notas de etnografia religiosa; negros bantos: notas de etnografia religiosa e de folclore*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1981, pp. 218-219; Decânio Filho, *A herança de Mestre Pastinha*.

36 Coutinho, *O ABC da capoeira angola*, p. 27. Sobre conflito na roda de capoeira, ver p. 30.

37 Decânio Filho, *A herança de Mestre Pastinha*. Vale destacar que o termo “maldade” também é utilizado por velhos mestres de capoeira, a exemplo de Mestre Noronha, com conotação positiva, designando a mandinga da capoeira, a arte do disfarce e da esperteza. Ver Coutinho, *O ABC da capoeira angola*, pp. 38 e 42.

sempre em perigo. Por isso tinham uma grande preocupação em ter seu corpo fechado, ou seja, protegido de todos os malefícios e forças negativas que viessem a cruzar seu caminho.

De acordo com Jair Moura, os capoeiras de antigamente usavam bolsas de mandinga, talismãs ou patuás pendurados no pescoço, cuja finalidade era “fechar o corpo”. Essa bolsa de mandinga era de fato uma pequena bolsinha feita de couro ou pano e podia conter diferentes amuletos, além de algumas orações poderosas, como a do “Signo de Salomão e as iniciais JMJ”, que significava Jesus, Maria, José. Este costume vinha da crença de que o capoeira que tivesse um patuá composto “de qualquer destas substâncias, tinha o poder (...) de livrar-se de todos os perigos, tornando-se forte e corajoso, chegando mesmo a ter a faculdade de transformar-se em toco de pau”.<sup>38</sup>

O Signo de Salomão e as letras JMJ – que aparecem várias vezes no manuscrito de Mestre Noronha – tinham um importante significado no universo da capoeiragem: alguns capoeiras preparavam patuás com esses símbolos; outros até traziam-nos tatuados em seu próprio corpo, tal como Pedro Piroca.<sup>39</sup>

O universo de crenças dos capoeiras talvez explique por que alguns deles usavam a palavra “mandinga” como sinônimo de capoeira. Nessa época, o feitiço era visto como algo maléfico e amedrontava muitas pessoas; as maldades dos capoeiras também assustavam e realmente podiam causar o mal a outrem. A falsidade do capoeira estava associada tanto às pequenas perversidades do jogo quanto aos feitiços que alguns costumavam preparar para vencer ou derrubar o adversário. Nesse sentido, a pimenta é um elemento simbólico de entrelaçamento desses dois universos, já que servia tanto para preparar as mandingas de infortúnio, como era usada pelos

38 Jair Moura, “Capoeirista de antigamente não ‘brincava em serviço’”, *A Tarde*, 19/07/1971. Segundo Nicolau Parés, esta prática de preparação de “amuletos-patuás” era muito comum na religião do candomblé, à qual alguns capoeiras estavam ligados, o que não impedia que símbolos católicos fossem utilizados na sua composição. Luis Nicolau Parés, *Formação do candomblé: história e ritual da nação jeje na Bahia*, Campinas, Editora da Unicamp, 2006.

39 Coutinho, *O ABC da capoeira angola*; Arquivo Público do Estado da Bahia (doravante APEB), Seção Judiciária, Crimes-Capital, 215, cx. 24, doc. 18, *Processo crime de Pedro de Alcântara Conceição, “Pedro Piroca” (réu)*, 1916. O policial Arestides de Santana, assassinado por Ignácio de Loyola, também tinha um Signo de Salomão tatuado no braço. Ver APEB, Seção Judiciária, Crimes-Capital, 215, cx. 24, doc. 9, *Processo crime de Arestides de Santana e outros*, 1913.

capoeiras como uma malandragem perversa numa roda de capoeira de rua.<sup>40</sup> A cobra venenosa também pode ser entendida como uma espécie de metáfora desse mundo de maldades da capoeiragem e da própria figura do capoeira malicioso. O conceito de mandinga dos capoeiras se referia, portanto, tantos aos poderes mágicos de alguns deles como também se fundia com a ideia de malandragem, no sentido de arte da esperteza.<sup>41</sup>

No passado, a mandinga, ou a arte da falsidade e da malícia, era talvez a principal arma do capoeira, e chegava a se sobrepor à força física. Mestre Pastinha elucidou muito bem essa ideia, dizendo que “capoeirista é mesmo muito disfarçado, ladino e malicioso. Contra a força só isso mesmo. Está certo”.<sup>42</sup> Deixou claro também que a malícia fazia parte do jogo de corpo do capoeira, e que este era seu maior trunfo:

tratando-se de enfrentar um inimigo, a capoeira não é só dotada de grande poder agressivo, mas possui uma qualidade que a torna mais perigosa - é extremamente maliciosa. O capoeirista lança mão de inúmeros artifícios para enganar e distrair o adversário. Finge que se retira e volta-se rapidamente. Pula para um lado e para outro. Deita-se e levanta-se. Avança e recua. Finge que não está vendo o adversário para atraí-lo. Gira para todos os lados e se contorce numa “ginga” maliciosa e desconcertante.<sup>43</sup>

A capoeira jogada atualmente no Brasil e em mais de 150 países, que tem como modelo a capoeira baiana criada e sistematizada especialmente por Mestre Bimba e Mestre Pastinha entre os anos 1930 e 1940, é uma capoeira relativamente diferente daqueles velhos sarilhos nas ruas, nas festas e nas praças de Salvador no começo do século passado; afinal, hoje a capoeira é praticada, principalmente, em espaços fechados, academias, clubes e hotéis, tem horário e dias pré-determinados.<sup>44</sup>

No entanto, essa capoeira definida como esporte, dança, cultura popular, e, recentemente, reconhecida como Patrimônio Cultural do Brasil,

40 Segundo Luis Nicolau Parés, a pimenta da costa era usada no preparo de patuás para causar infortúnio a alguém. Parés, *Formação do candomblé*.

41 Sobre a mandinga da capoeira e a mandinga no jogo da capoeira angola, ver Zonzon, *Capoeira angola*, pp. 60-63.

42 *Revista Realidade*, fev. 1967, pp. 3-5.

43 Mestre Pastinha, *Capoeira angola*, 3. ed., Salvador, Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1988, p. 34. A primeira edição é de 1964.

44 Não é nosso objetivo discutir as diferenças existentes entre a capoeira angola e a capoeira regional, mas entender de que maneira podemos observar a mandinga no jogo da capoeira.

pode ser entendida como uma espécie de testemunho histórico da cultura malandra dos capoeiras do passado. A capoeiragem contemporânea preserva nos movimentos, nos gestos, na expressão facial de cada jogador, nos patuás que alguns ainda trazem pendurados no pescoço, nas cantigas, no ritual da roda, enfim, em tudo aquilo que compõe o jogo, as práticas sociais malandras dos velhos capoeiras que foram sintetizadas na ideia de mandinga, eventualmente também chamada de malandragem.

Nos dias de hoje, o termo “mandinga” é mais usual no meio da capoeiragem. Mandinga é uma maneira de jogar, cujo objetivo principal é enganar o adversário, embora também ainda esteja associada à proteção mágica do corpo do capoeira, que supostamente frequenta terreiro de candomblé, usa patuá, faz feitiço para fechar seu corpo, etc. Nas rodas de capoeira contemporâneas, a mandinga também se refere à forma estilizada e estética do jogo. Pode-se dizer que as velhas maldades se transformaram na mandinga, que tende em especial a embelezar o jogo e provocar o riso. Isso não quer dizer, todavia, que a capoeira seja uma dança ou um balé, ou apenas uma brincadeira. É, antes de tudo, uma luta; porém, na roda, os movimentos são praticados de forma controlada, e a violência é realizada de maneira sutil, sem causar danos sérios. Como explicou Travassos, “os momentos de alegria e diversão na roda são intercalados por momentos de extrema tensão, nos quais se espera que o pior ocorra. No entanto, em geral, é apenas uma alegoria, porque, na maioria das vezes, nada acontece”.<sup>45</sup>

As práticas sociais malandras dos capoeiras estão registradas de forma simbólica especialmente naquilo que eles próprios chamam de mandinga, e que sintetiza as principais qualidades de um bom jogador. O capoeira mandingueiro tem jogo de cintura, malemolência, esperteza, sabe aplicar um golpe sem atingir o adversário e vence a luta na falsidade. Nas rodas de capoeira, essas artimanhas do jogador são realizadas desde o momento em que o jogador se abaixa no pé do berimbau dando viva à malandragem e pedindo a proteção dos seus orixás até o final da roda. A mandinga também pode ser observada nos movimentos do corpo do jogador que ora cambaleia de um lado para o outro, como se estivesse bêbado, na sua expressão facial sempre sorrindo, com o olhar traçoeiro, evitando qualquer expressão de raiva, deixando que seu adversário seja de fato surpreendido.

45 Travassos, “Mandinga: notas etnográficas”, p. 76.

Mas tudo isso é apenas uma representação cuja finalidade é especialmente ludibriar o oponente, tirar sua atenção e atacá-lo de surpresa.

Esta qualidade tão cobiçada por muitos capoeiras, a mandinga, estava certamente presente nas práticas sociais malandras dos capoeiras nas primeiras décadas do século XX, na sua luta pela sobrevivência, no seu comportamento social, na manha de escapar da polícia, nas maldades e malícias praticadas dentro e fora da roda. Mestres Pastinha, Bimba, Noronha, entre outros, ao lutarem pela aceitação social da capoeira, aperfeiçoaram sua técnica, seus movimentos de defesa e ataque, buscando controlar a violência com o objetivo de dar um caráter cada vez mais artístico-cultural-desportivo à luta. Nesse processo de legitimação da capoeiragem, a cultura malandra foi sendo incorporada à simbologia da capoeira na contemporaneidade. Podemos dizer, portanto, que em cada roda, seja ela de angola ou de regional, em cada jogo de mandinga hoje praticado, permanece vivo o espírito dos capoeiras de outrora, cujas manhas foram construídas nas ruas de Salvador.